

## CRONICANDO A CRÔNICA

José Benjamim de Lima

**“A verdade não é o tempo que passa, a verdade é o instante.” (Rubem Braga)**

É tarefa praticamente impossível definir satisfatoriamente a crônica enquanto gênero literário, tal a rica diversidade de configurações que adquire, de autor para autor. Simplificadamente, pode-se dizer que é um gênero filhote do jornalismo, marcado pela leveza e brevidade, abordando reflexiva ou liricamente temas geralmente ligados ao cotidiano; definição ampla, mas insuficiente para abarcar todas as nuances do gênero. Nascida com o jornalismo, com ele não se confunde; é literatura mesmo, mais comprometida com a imaginação, o lirismo, o humor, a linguagem, do que com o propósito de informar. Em sua introdução ao livro *“As cem melhores crônicas brasileiras”* (Editora Objetiva, 2007), o organizador da antologia, Joaquim Ferreira dos Santos, observa: “muitas vezes uma crônica brilha, gloriosa, mesmo que o autor esteja declarando, como é comum, a falta de qualquer assunto. Não vale o que está escrito, mas como está escrito”. No mesmo texto, Santos lembra Manuel Bandeira falando de Rubem Braga: ele é sempre bom, mas “quando não tem assunto então é ótimo”.

Considerado por muitos um gênero de menor nobreza que outras formas literárias mais prestigiadas - conto, novela, romance ou poesia – a boa crônica, no entanto sempre supera sua própria contingência de texto efêmero, destinado à leitura imediata e imediato esquecimento, como geralmente ocorre com matérias estritamente jornalísticas. Lá na frente, por diligência do autor ou de outro por ele, os textos acabam se reunindo em livro e possibilitam desmentir sua suposta efemeridade, deixando perceber o quanto se perderia tivessem ficado soterrados em algum empoeirado arquivo de jornal ou revista.

Com as características que a tornaram um novo gênero literário, surgiu na França, no século XIX, na forma de textos publicados

geralmente nos rodapés dos jornais, destinados a comentar os fatos da semana. Com o tempo, foi evoluindo para o comentário cada vez mais subjetivo do cotidiano de fatos e ideias, temperado pela imaginação e pela criatividade do autor, às vezes flertando com o fantástico. No dizer de Douglas Tufano, “não é o fato em si que interessa ao cronista, e sim o que dele se pode extrair, seja uma observação humorística, uma reflexão filosófica, uma expressão lírica, uma crítica social, tudo sempre expresso numa linguagem leve, comunicativa, facilmente compreensível pela maioria dos leitores” (*Antologia da Crônica Brasileira – de Machado de Assis a Lourenço Diaféria*, Editora Moderna, 2005).

No Brasil, a crônica, que, segundo alguns estudiosos do gênero, teve na Carta de Pero Vaz de Caminha admirável precursora, ganhou impulso na segunda metade do século XIX com José de Alencar e sobretudo com Machado de Assis, que escreveu crônicas assiduamente por mais de quarenta anos. Mais tarde, já na virada do século XIX para o início do XX, Lima Barreto, João do Rio, Humberto de Campos, figuram como seus melhores cultores. No Modernismo, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, entre outros, se dedicaram ao gênero. Mais tarde, no pós-guerra, principalmente nas décadas de 50 e 60 do século XX, brilharam no gênero, nas principais revistas e jornais da época, aqueles que já foram chamados de “os sabiás da crônica”: Rubem Braga, Fernando Sabino, Rachel de Queirós, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria, Clarice Lispector, Vinicius de Moraes, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) entre outros. Foram eles os principais responsáveis pela consagração da crônica no gosto do leitor brasileiro. Depois, um pouco mais tarde, Luís Fernando Veríssimo e Lourenço Diaféria, principalmente, continuaram honrando a tradição do gênero em nossa literatura.

Nos tempos de Machado de Assis, a crônica tinha mais a feição de comentário jornalístico leve, não técnico, arejado pela imaginação, pelo humor e até pela sátira, abordando temas e fatos sociais do momento, sobretudo político-sociais. Antônio Cândido, num

ensaio clássico sobre a crônica, intitulado *A Vida ao Réis-do-chão*, publicado originalmente como prefácio ao livro “Para Gostar de Ler: Crônicas, vol. 5”, da série de antologias de crônicas da Editora Ática dos anos 70/80 do século passado, observou que, de Machado para cá, a crônica “foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar [...] para ficar sobretudo com a de divertir”. E continua o notável professor e crítico literário brasileiro: “A linguagem se tornou mais leve, mas descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.”

Segundo penso, a crônica é um gênero multiforme, irreduzível a uma definição unívoca; tanto pode mergulhar no mundo do tempo, dedicando-se a extrair de fatos banais do cotidiano um significado mais profundo e humano, como pode incursionar pelo mundo do pensamento e das ideias, de forma leve e despreziosa, sempre numa linguagem o mais próximo possível do coloquial. Vale para ela, como metáfora, a similitude com as *nécessaires* femininas: nela cabe um pouco de tudo: o cotidiano e o fantástico, o simples e o complexo (não muito), o podium e a poça d’água, o ontem, o hoje e o amanhã, o côncavo e o convexo, a roda e a flecha, o espaço e o tempo, e por aí vai. Cabem na crônica o sério, o cômico, o anedótico, o “causo”, o homem da rua e o político, a reflexão e o comentário descomprometidos (mas não tanto) sobre os atos humanos e os fatos do mundo e da vida.

Palavra-chave para a compreensão da essência da disposição mental de muitas crônicas é o termo de origem grega epifania, tomado no sentido joyceano de “momento de iluminação”, instante mágico em que objetos, gestos ou fatos comuns adquirem, subitamente, um significado especial de beleza e revelação que nos ajudam a transcender a condição humana. Nesse sentido, o bom cronista terá sempre em mente a advertência de Rilke: “Se o

cotidiano te parece pobre, não o culpes. Culpa a ti mesmo que não sabes ser bastante poeta para descobrir nele o que há de maravilhoso”.

Assim como o titã Cronos devora os próprios filhos, Chronos, o tempo, devora a vida e os acontecimentos. Os gregos tinham duas palavras para nomear o tempo: *chronos* se refere ao tempo quantitativo, linear e contínuo, à sequência passado, presente, futuro, é o tempo histórico por excelência; *kairos* designa um tempo qualitativo, de oportunidade, um momento especial em que algo acontece. Embora a palavra crônica tenha o mesmo étimo do termo que designa o primeiro sentido do tempo, tal como os gregos o entendiam, o gênero literário crônica, enquanto narrativa despretensiosa envolvendo fatos específicos do cotidiano, tem mais afinidade com o *kairos* grego: é o momento que fica e de certa forma se eterniza no registro do cronista, sobrevivendo à gula voraz do tempo. ([limajb@gmail.com](mailto:limajb@gmail.com))